

## Nota Introdutória

# Eu e os outros, nós e os outros: perspectivas da educação comparada

As relações entre mim e os outros e, em especial, entre nós e os outros têm sido muito complexas, de modo a ensejar múltiplos processos de cooperação, competição e conflito. Uma série de lentes, de diversas cores, intermediam tais relações: mais que um jogo de espelhos, é um jogo de distorções especulares. Uma expectativa de paz duradoura ao fim da guerra fria não se concretizou, como nos conta a História. A guerra foi atomizada, a envolver grandes potências, como ocorreu nas duas Guerras Mundiais. Um conflito no Oriente Médio, por exemplo, inclui grandes e médias potências, de modo que uma peça de dominó implica a movimentação de outras. Deste modo, a paz é um processo difícil e precioso, num mundo de instabilidade estável.

Também se esperava que a globalização levasse à interdependência e à cooperação, já que todos nos encontramos num planeta finito, em que o homem é um inquilino predatório, haja vista a destruição levada a cabo e a capacidade adquirida de o próprio homem se destruir. Por isso, já nos anos 1990 Ulrich Beck (2013) propôs uma sensível metáfora interpretativa da realidade, a sociedade de risco, ou seja, a sociedade que se arrisca a desaparecer, por vários meios, numa vida finita.

Ao contrário, os desentendimentos e rebeliões culturais ou ainda armadas fazem parte das reações à homogeneização e à uniformidade, contra verdadeiras invasões culturais. Também nos anos 1990 já se previa, entre as placas tectônicas em choque no

mundo, o papel dos fundamentalismos, especialmente no nervo das culturas: a fé religiosa (Thurow, 1996). Não aplicássemos o método dialético, isto seria surpreendente, porém, quando se estabelece que isto é o lado direito, logo se projeta o avesso. Num ritmo de mudança acelerada, os conflitos brotam dos interstícios daquelas placas tectônicas.

Vivemos num mundo em redes, onde os dados correm à velocidade da luz. Apesar disso, temos hiatos e defasagens: por exemplo, a economia, sobretudo financeira, se globalizou. O mesmo se pode dizer de grande parte das tecnologias. Contudo, a política (tanto *politics* quanto *polícies*), inclusivamente as políticas educativas, têm ficado para trás. Os Estados nacionais se mantêm ou buscam manter-se como atores principais, embora, ao fazer face a problemas mundiais como a deterioração do clima, a multilateralidade seja essencial. Evidentemente, não se está a propor um Estado mundial, nem uma globalização política à imagem e semelhança da econômica e tecnológica.

Vários fatos nos colocam em xeque: a economia dita liberal nos transforma em mercadorias, como quando o rei Midas obteve a pedra filosofal e tudo o que ele tocava passava ao estado sólido de ouro, inclusive a sua querida filha. Podemos concluir mais uma vez a profunda sabedoria dos gregos em sua mitologia, altamente globalizada na explicação dos conflitos. Digam-no entre muitos Jung e Freud.

Ainda assim, muitos são os esforços pela colaboração nesta casa comum da humanidade, como a construção do direito dos direitos (Delmas Marty, 2018). Um exemplo tem sido a educação comparada, surgida no século XIX quando o estreitamento do mundo (principalmente pelos trens e embarcações a vapor...) e sua interdependência levou educadores e outros a utilizar o método comparativo. Advieram grandes frutos, como também mal-entendidos. Quando a globalização avançou mais ainda, com órgãos multilaterais como a Liga das Nações e a Organização das Nações Unidas, surgiram renovadas iniciativas de diálogo. A exemplo do espaço da UNESCO, cuja Constituição declara que, *uma vez que as guerras se iniciam nas mentes dos homens, é nas mentes dos homens que devem ser construídas as defesas da paz*. Com efeito, os históricos ódios étnicos, como nos Balcãs e muitas outras regiões, são implantados desde a família e reforçados pela vizinhança e pela escola, com as suas teias de estereótipos e preconceitos. A UNESCO, em sua histórica trajetória, logo passou a trabalhar em escala mundial, o que inclui entre as suas vertentes o cultivo e o apoio à educação comparada. Esta tem sido um campo de entendimento e compreensão, apesar de inevitáveis enganos ao longo do tempo, conforme as paisagens mutantes.

Como resultado, o presente número da *Revista Lusófona de Educação* se dedica a esta janela entre os educadores e entre as sociedades, motivo pelo qual a UNESCO-Brasil patrocinou este número. Trata-se de mais um apoio a uma iniciativa de compreensão, em debate aberto. Assim, os organizadores agradecem à Organização

o seu indispensável apoio a este âmbito multilateral que abrange, em particular, Portugal, Brasil e outros países de língua oficial portuguesa. Como editores convidados, também agradecemos a generosa acolhida desta Revista, bem como a cada autor que contribuiu para este fascículo. Além de convites, realizou-se uma chamada de trabalhos em vários idiomas, que nos trouxe trabalhos de alta relevância, como será possível verificar.

Entretanto, se este é um espaço multilateral de compreensão, quais as pedras de construção que os autores oferecem para isto? O primeiro artigo se refere aos limites e perspectivas da educação comparada. Carlos Alberto Torres encerrou seu profícuo mandato, como presidente do Conselho Mundial das Sociedades de Educação Comparada (WCCES), com um discurso no Congresso de Beijing: *The state of the art in Comparative Education and WCCES at a crossroads in the 21st Century*. Note-se que o WCCES é uma ONG com assento na UNESCO. Torres afirma que, pelos limites teóricos e empíricos, a educação comparada é hoje menos uma disciplina que um campo interdisciplinar. Como desafio ao WCCES, declara que as melhores contribuições a este campo vieram de fora do Conselho. Estejamos, pois, atentos aos desafios e às respostas que nos cabem.

Em seguida, *Eu e o outro: a UNESCO e a educação comparada*, de Candido Alberto Gomes, aborda os antecedentes da educação comparada e o impulso da UNESCO. Por meio especialmente do Bureau International de l'Éducation, durante mais de 70 anos, a Organização multilateral tem abrangido o mundo todo e tem estimulado a pesquisa educativa em geral e, especialmente, da educação comparada. Mais ainda, tem buscado traduzir as evidências de pesquisa em ações.

Mencionamos antes alguns descompassos internos da globalização. Como Morin (2001) destacou, um dos saberes necessários à educação do futuro, além de ensinar a condição humana, é ensinar a identidade terrena. Em tal diapasão, Ánxela Bugallo-Rodríguez e Maria Cristina Naya-Riveiro tratam desta cidadania ampla, necessária aos desafios da globalização, em *Educación para la Ciudadanía Global: comprendiendo lo internacional através de lo local*, com uma proposta desde a educação dos professores e a educação infantil até aos níveis mais altos.

Célio da Cunha trata, a seguir, da *Educação na América Latina: pressupostos e alcance de estudos comparativos*, síntese de um trabalho maior realizado para a União de Nações Sul-Americanas (Unasur). Ao analisar os países enfocados, verifica diferenças desde a colonização, pelas suas raízes histórico-culturais. Apesar da constituição de Estados nacionais, cuja estrutura é também diversificada, constata problemas comuns, exigentes de cooperação.

Em prosseguimento, António Teodoro, Eduardo Santos e Reinaldo da Costa Junior oferecem ao leitor *University rankings: between market regulation and the diffusion of organizational models*. Os autores focalizam as implicações entre a avaliação e a

regulação do mercado, ou seja, o uso do quantitativismo e das hierarquias para fins que não necessariamente a qualidade e a igualdade, mas a regulação de um mercado de serviços.

Então, Anne Schippling retoma o fio da cidadania global com *Researching international schools: Challenges for comparative educational research*. No texto, constata a escassez de pesquisas sobre o tema e desenha os desafios de meios analíticos para desenvolver a respectiva investigação.

Dando continuidade, Isabela Cristina Marins Braga, Ranilce Guimarães-Iosif e Lynnette Schultz enfocam *A pós-graduação em Educação no Brasil e no Canadá: aproximações e distanciamentos nos critérios de avaliação*. Seu trabalho trata de convergências e divergências entre os dois contextos, advertindo para riscos da avaliação, como a corrida às publicações ou o princípio de *to publish or to perish*.

Como arremate deste número, Zoila Lamfri e Araujo aproximam as lentes, a focalizar a pós-graduação e seus sistemas avaliativos em *Los estudios de posgrado en contextos de evaluación. Aproximaciones comparadas entre Argentina, Brasil y Paraguay*. A expansão das matrículas e a busca da qualidade redefiniram as relações entre os Estados e as universidades. Esta pesquisa, efetuada por uma rede de educadores, se traduziu numa matriz comparativa, cujas dimensões foram definidas coletivamente: gênese e desenvolvimento, marco regulatório, oferta, avaliação, acreditação, financiamento e internacionalização.

Neste mundo de defasagens, contradições e fendas internas, entre economia e política, entre desafios e soluções, verificamos a necessidade do diálogo. Efetivamente, o *know how* tomou a dianteira em relação ao *know why* e ao *know what*. Dos espaços de diálogo e cooperação emergem ideias, com novos sentidos da vida. Isto recorda *Bichos*, de Miguel Torga (1996). Bambo, o sapo silencioso, na sua relação com a natureza, inspirou nova perspectiva ao Tio Arruda, levando-o a reconhecer que, muito além da mesmice, *a vida, como um fruto, estava cheia de doçura*:

E a verdade é que nunca encontrara tanto sentido e beleza às coisas que o rodeavam, como naquelas horas silenciosas. Nelas, até as próprias sombras faziam confidências ao entendimento... (Torga, 1996, p. 63).

Candido Alberto Gomes & Célio da Cunha

## Referências:

- Beck, U. (2013). *Sociedade de risco: Rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Editora 34.
- Delmas-Marty, M. (2018). Les processus de mondialisation du droit. In Zarka, Y.C.; Godin, C.; Taussig, S. (eds.). *Les révolutions du XXIe. siècle* (p. 441-457). Paris: PUF.
- Morin, E. (2001). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. (3ª ed.) São Paulo, Cortez: Brasília, UNESCO.
- Thurow, L. C. (1996). *The future of capitalism: how today's economic forces shape tomorrow's world*. New York William Morrow & Co.
- Torga, M. (1996). *Bichos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.